

Correspondência etérea, ou um prefácio imaginário

Com uma respeitosa vénia
a M. Weber e a F. Kafka

Prezado Sr. Kafka

Jamais o contactaria, não fora o convite de Miguel K. e Arménio K. para prefaciá-la *K: o Mundo da Burocracia kafkiana*. Antes de o redigir, não quero deixar de partilhar consigo algumas das minhas congeminacões. Ficarei grato se responder a esta carta. Não precisará de se incomodar com a burocracia dos correios de outrora – um simples *click* permitir-lhe-á fazer-me chegar os seus pensamentos. Não se atemorize com os riscos (que são mínimos) de a sua mensagem ser extraviada ou capturada e usada indevidamente por algum burocrata corrupto de alguma organização virtual.

Começo por discordar do modo excessivo, embora brilhante, como descreveu as burocracias. Aliás, Sr. Kafka foi um burocrata – e desse emprego dependeu para sobreviver. É certo que a burocracia enegrece, frequentemente, a vida de inocentes cidadãos ou empregados. É também verdade que produziu máquinas monstruosas na Alemanha, na União Soviética e em todo o lugar onde os desejos burocratizados do «homem novo» imperaram. A máquina horrenda produziu o inominável – o que mostra como o ser humano pode ser louco. Mas, em boa verdade, algumas dessas burocracias eram mal geridas. Por outro lado, sem eficientes máquinas burocráticas, essourtas loucas burocracias jamais teriam sido destronadas. Sem a máquina de guerra dos Aliados, como teria sido possível derrotar a máquina nazi?

Após a nossa despedida da vida, muitas transformações ocorreram na vida social, política e económica. Mas a burocracia continua viva. Buro-

cracias maiores do que as do nosso tempo, gigantescas, portentosas – mas, mesmo assim, burocracias. Reconheço que, ao ler os seus livros, compreendi as razões para algum do seu enorme «desencantamento». Não me custa até admitir que, nas burocracias de hoje, os labirintos são mais perversos do que aqueles que atravessam os seus romances. Veja, por exemplo, como os burocratas se desculpam com os computadores – e como os computadores produzem situações absurdas. Tomei conhecimento, há dias, de alguém que terá recebido a notificação da sua morte devido a um erro do sistema. Li notícias de pessoas incriminadas por conduzirem sem carta – sem jamais terem conduzido um veículo automóvel. Tomei até nota de um banqueiro que, além do banco visível, tinha um segundo banco dentro dum computador portátil.

Insisto, Sr. Kafka: compreendo tudo isso! Mas não serão esses os custos e os riscos da eficiência? Miguel K. e Arménio K. lamentam-se das confusões burocráticas experimentadas em aeroportos. Arménio K., por exemplo, deplora o modo como foi tratado em Heathrow, o labirinto em que o colocaram devido à mudança de voo e à sua bagagem. Mas a verdade é que a combinação de várias burocracias lhe permitiu viajar de Lisboa a Auckland em quatro dias. No regresso, demorou apenas dois dias. No nosso tempo, quantos dias teriam sido necessários para percorrer esses quase 40 mil quilómetros? Também é certo que a bagagem se extraviou e que o modo como Arménio K. foi tratado em Heathrow foi verdadeiramente... kafkiano. Mas a bagagem chegou a Auckland, e regressou a Lisboa. Meu caro Sr. Kafka, não lhe parece maravilhoso como tudo isto foi possível, se considerarmos os milhões de bagagens diariamente transportadas? Afinal, o sistema foi capaz de reconhecer quem era o proprietário da bagagem – e colocou-lha nas mãos. Considere outro exemplo: os alegados explosivos na mala de Miguel K. eram simplesmente sabonetes. Mas ninguém foi preso! O que teria sucedido no nosso tempo?

Reconheço as trapalhadas de muitos processos, muitas encomendas e muitos procedimentos fiscais, judiciais e organizacionais. Mas quanto maravilhoso é poder receber um computador em casa, que realmente funciona, e cujos componentes foram fabricados em vários continentes! Poder comprar um automóvel que foi fabricado e montado nas mesmas circunstâncias! Adquirir livros, através da Internet, confortavelmente sentado num escritório bem diferente desses lugares soturnos que o Sr. Kafka descreve nos seus livros! Ou fruir centenas de canais de televisão,

com conteúdos transmitidos por complexos sistemas de satélite ou cabo! Não é igualmente maravilhoso poder gerir o desempenho de milhares de pessoas, simplesmente criando sistemas tecnologicamente inteligentes? Não é fantástico, embora algo aterrador, que o fisco seja capaz de controlar a vida fiscal de milhões de contribuintes através das novas e maravilhosas tecnologias? Reconheço que a magia se tem perdido – e que o desencantamento tem proliferado. Mas, convenhamos – não ficariam os humanos ainda mais desencantados se, num ápice, deixasse de haver energia (um recurso que faz funcionar maravilhas burocráticas) para alimentar computadores e sistemas?

Miguel K. e Arménio K. são pouco benevolentes com a burocracia portuguesa, designadamente a estatal. Abjuram a *cunha*. Mas não será a *cunha* uma manifestação saudável da necessidade de mitigar a aridez burocrática com a pessoalidade das influências e dos conhecimentos? Quantos progressos o país não alcançou devido à eficiência da burocracia – incluindo da europeia? Não nego que uma burocracia que devia estar ao serviço dos negócios é, muitas vezes, um entrave aos mesmos. Mas quererão os empresários um mundo sem burocracia? Em que fonte procurariam auxílio em tempos de crise? Quem lhes salvaria a actividade bancária? Quem lhes construiria as estradas e as infra-estruturas básicas para funcionamento de uma economia industrial e de serviços? Seria a vida possível sem as burocracias?

Termino, Sr. Kafka, dirigindo-lhe uma singela questão: não será o desejo de perfeição presente em *K: o Mundo da Burocracia Kafkiana* uma manifestação da mente burocrática de Arménio K. e Miguel K.?

Com muita estima,
Maximillian Weber